

A POSSIBILIDADE DE DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS

THE POSSIBILITY OF DONATION OF ORGANS AND TISSUES

Jocinete F. Nascimento¹

Resumo: A doação de órgãos e tecidos é um assunto muito importante em nossa sociedade em geral. Pretendo discorrer sobre o que é doação de órgãos. A importância da doação de órgãos e tecidos. Sobre a importância da conscientização. A doação de órgãos ou de tecidos é um ato pelo qual o indivíduo vivo decide ajudar no tratamento de outras pessoas. A doação pode ser de órgãos (rim, fígado, coração, pâncreas e pulmão) ou de tecidos (córnea, pele, ossos, válvulas cardíacas, cartilagem, medula óssea e sangue de cordão umbilical). A doação de órgãos como o rim, parte do fígado e da medula óssea pode ser feita em vida. Para a doação de órgãos de pessoas falecidas, somente após a confirmação do diagnóstico de morte encefálica é que o procedimento pode ser realizado. O mais comum é que aconteça com pessoas que sofrem algum tipo de acidente que provoca traumatismo craniano, ou que são vítimas de um acidente vascular cerebral (derrame) e evoluíram para morte encefálica. Para compreensão do transplante dos órgãos é necessário frisar que o direito às partes separadas do corpo vivo ou morto integram a personalidade, conforme entendimento de Maria Helena Diniz (2006, p.249). Na maioria das vezes, o transplante de órgãos pode ser a única esperança de vida ou a oportunidade de um recomeço para os cerca de 40 mil pacientes que aguardam na fila de espera pelo Brasil. O gesto de familiares que perdem um ente querido e decidem doar, é um ato de vida, altruísmo e generosidade, pois um único doador pode beneficiar pelo menos dez pessoas e fazer a diferença entre vida e morte. O Brasil tem o maior sistema público de transplantes no mundo,

¹ Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário do Maranhão – CEUMA em 2019. Graduada em Auditoria em Enfermagem, Urgência e Emergência, Nefrologia, e Captação, doação e transplante de órgãos e tecidos, Oncologia e Hematologia, e Saúde Pública. Atuando como Orientador Educacional e Professora de Ensino Superior na área de orientação do Curso de Enfermagem, na Universidade Estácio de Sá em Santa Catarina.



responsável pelo financiamento de cerca de 95% dos transplantes. É o segundo país em número absoluto de transplantes, ficando atrás somente dos Estados Unidos.

Palavras chaves: saúde, doação de órgãos, tecidos

Abstract: Organ and tissue donation is a very important subject in our society in general. I intend to discuss what organ donation is. The importance of organ and tissue donation. About the importance of awareness. Organ or tissue donation is an act by which the living individual decides to help in the treatment of other people. Donation may be from organs (kidney, liver, heart, pancreas and lung) or tissue (cornea, skin, bones, heart valves, cartilage, bone marrow and umbilical cord blood). The donation of organs such as the kidney, part of the liver and bone marrow can be done in life. For the donation of organs of deceased persons, only after the confirmation of the diagnosis of brain death can the procedure be performed. The most common is that it happens to people who suffer some kind of accident that causes head trauma, or who are victims of a stroke (stroke) and evolved to brain death. To understand the transplantation of the organs it is necessary to emphasize that the right to separate parts of the living or dead body integrate the personality, according to the understanding of Maria Helena Diniz (2006, p.249). Most of the time, organ transplantation may be the only life expectancy or the opportunity for a fresh start to about 40,000 patients waiting in the queue for Brazil. The gesture of family members who lose a loved one and decide to donate is an act of life, altruism and generosity, as a single donor can benefit at least ten people and make the difference between life and death. Brazil has the largest public transplant system in the world, responsible for financing about 95% of transplants. It is the second country in absolute number of transplants, behind only the United States.

Keywords: Health, Organ Donation, Tissues



INTRODUÇÃO

A doação de órgãos é prevista pela Constituição Federal, possui lei específica para regulamentar o assunto (Lei 9.434/97) e é tratada pelo Código de Ética Médica, publicado pela Resolução n. 1.246/88 do Conselho Federal de Medicina.

Na maioria das vezes, o transplante de órgãos pode ser a única esperança para alguém ou a oportunidade de um recomeço para os cerca de 40 mil pacientes que aguardam na fila de espera. Temos aí, um conjunto imenso de recursos envolvidos e regras para que todos os requisitos sejam atendidos.

Desde as regras relacionadas aos procedimentos médicos até quem pode receber os órgãos, muitos fatores devem ser respeitados.

A doação de órgãos ainda gera uma grande curiosidade sobre o processo a ser perseguido, o que significa e como funciona as suas etapas. A definição básica do transplante de órgãos é a retirada e troca de um órgão não funcional ou que possui algum problema por um outro, e abrange um longo e extenso caminho desempenhado por profissionais capacitados.

Atualmente o Brasil tem um dos maiores sistemas públicos de transplantes do mundo, mas enfrenta algumas dificuldades, como: burocracia e falta de infraestrutura, sendo a primeira um grande problema a ser enfrentado, por parte do doador e de quem vai receber o órgão, já a segunda, deveria ser algo proporcionado pelos governantes, mas que não acontece por negligência diante da sociedade.

Justifica-se pelo fato de que o Brasil está subindo sua taxa de doações de órgãos e transplantes, mas o índice ideal está longe de ser alcançado, pois em relação ao número de habitantes no país, o percentual é muito baixo, sendo apontados alguns pontos negativos, que influenciam para isso como: má distribuição das equipes que realizam transplantes pelo Brasil, infraestrutura precária, profissionais despreparados e a burocracia que torna o processo lento.



DESENVOLVIMENTO

Metodologia

Quanto à metodologia, esta foi feita em forma de pesquisa online com foco em literatura pertinentes ao assunto e sites informativos sendo eles institucionais ou governamentais, também nos sites de pesquisa médico científica.

Este trabalho é uma revisão bibliográfica do tipo descritiva que inclui artigos de periódicos eletrônicos e obras literárias, publicados ao longo dos últimos anos. Para seleção dos artigos estudados, analisamos vários artigos científicos e obras literárias pertinentes ao tema. O critério de escolha foi a abordagem dos subtemas nos quais se divide este estudo: transplante de órgãos, educação em saúde, doação e captação de órgãos. Para captação dos resultados, realizamos um levantamento e uma comparação entre opiniões dos artigos selecionados, de diversos autores, fazendo com que a análise documental do assunto permita delinear um quadro generalista e com riqueza de informações a respeito de cada subtema.

Resultados e Discussões

O tema transplante de órgãos humanos e a doação de órgãos são polêmicos e têm despertado interesse e discussões em várias áreas. A falta de esclarecimento, o noticiário sensacionalista sobre tráfico de órgãos que gera medos diversos, a ausência de programas permanentes voltados para a conscientização da população como boa divulgação e marketing e o incentivo à captação de órgãos contribuem para alimentar dúvidas e arraigar mitos e preconceitos (NEUMANN, 1997). Talvez, por essas razões, haja número insuficiente de doadores e grande perda de potenciais doadores, prolongando o sofrimento de pacientes que dependem da doação de órgãos, condenando-os a permanecer em uma interminável lista de espera (MORAES, GALLANI; MENEGHIN, 2006). O incentivo deve começar claro, pelas redes de comunicação, propostas nos postos de saúde diante da apresentação da proposta



pelos profissionais da saúde e nas redes privadas e públicas de saúde. A doação de órgãos de tecidos é vista pela sociedade, em geral, como um ato de solidariedade e amor dos familiares bem como dos doadores posmortem. No entanto, ela exige a tomada de decisão num momento de extrema dor e angústia motivadas pelo impacto da notícia da morte, pelo sentimento de perda e pela interrupção inesperada de uma trajetória de vida (ALENCAR, 2006). Hoje, com a modificação dos critérios de morte, surgem o conceito de morte encefálica e a possibilidade de utilização de órgãos e tecidos do doador. Quando não há uma boa compreensão do processo da doação de órgãos, os familiares dos possíveis doadores sentem-se apreensivos, em dúvida e indecisos no momento da ocorrência, por ser um assunto sobre o qual não têm muito esclarecimento (ALENCAR, 2006). Tal fato deveria ser discutido mesmo em vida do doador ou possível doador. Os objetivos do presente estudo são realizar uma revisão bibliográfica sobre fatores associados à educação específica para doação de órgãos e enfatizar como um maior nível de conhecimento do tema influi de forma positiva nas estatísticas de doações de órgãos

Um potencial doador é o paciente que se encontra internado em um hospital, sob cuidados médicos, por colapso cerebral severa causada por acidente com traumatismo craniano, derrame cerebral, tumor e outros, com subsequente lesão irreversível do encéfalo.

Quando existe a identificação de um potencial doador em unidade de terapia intensiva ou pronto socorro, há a obrigatoriedade de notificação compulsória à Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos e Tecidos (CNCDO), descentralizadas em OPOs (Organização de Procura de Órgãos). Assim, os profissionais de uma unidade de terapia intensiva têm o compromisso ético de notificar um potencial doador à CNCDO de seu estado.

A OPO se dirige ao Hospital, avalia o doador com base na história clínica, nos antecedentes médicos e exames laboratoriais, na viabilidade dos órgãos e na sorologia, para afastar a possibilidade de doenças infecciosas; e testa a compatibilidade com prováveis receptores. A família é consultada sobre a doação.

Terminada a avaliação, quando o doador é viável, a OPO informa a Central de Transplantes



e passa as informações colhidas. A Central de Transplantes emite uma lista de receptores inscritos, selecionados em seu cadastro técnico, e compatíveis com o doador.

A Central de Transplantes informa as equipes transplantadoras sobre a existência do doador e qual paciente receptor foi selecionado na lista única em que todos são inscritos por uma equipe responsável pelo procedimento do transplante. As equipes fazem a extração dos órgãos no hospital onde se encontra o doador, em centro cirúrgico, respeitando todas as técnicas de assepsia e preservação dos órgãos. Terminado o procedimento, elas se dirigem aos hospitais para procederem à transplantação; Liberação do Corpo: o corpo é entregue à família condignamente recomposto.

A recusa familiar representa um grande entrave à realização dos transplantes, contribuindo para que o número de doadores seja insuficiente para atender à demanda crescente de receptores em lista de espera, sendo também apontada como um dos grandes fatores responsáveis pela escassez de órgãos e tecidos para transplantes (JACOB et al, 1996). As famílias que compreendem bem o diagnóstico de morte encefálica são mais favoráveis à doação de órgãos em comparação com as famílias que acreditam que a morte só ocorre após a parada cardíaca. Estas geralmente manifestam dificuldades em aceitar a condição de morte do ente querido (SMIRNOFF; MERCER; ARNOLD, 2003). A divulgação e o esclarecimento são de fundamental importância para que a população possa criar uma consciência sobre a doação de órgãos, e os meios de comunicação têm um papel relevante nesse processo (MORAES; GALLANI; MENEGHIN, 2006). Os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornais, revistas) são os principais veiculadores de informações acerca do transplante e da doação de órgãos para a população. Além disso, uma parcela da sociedade é influenciada por indivíduos com os quais se relaciona e por campanhas que incentivam o aumento da doação de órgãos (CONESA et al, 2004). A literatura é pródiga em referências, demonstrando que os meios massivos de comunicação, apesar de sua grande penetração em âmbito nacional e mundial, não são os mais adequados para promover esclarecimento suficiente sobre temas polêmicos, como é o caso da doação de órgãos. Ao contrário, muitas vezes, a forma, a simbologia e o repertório utilizados pelos meios de comunicação de massa causam mais celeuma e confusão que esclarecimentos (MORAES;



GALLANI; MENEGHIN, 2006). Estudo realizado na Espanha constatou que muitas informações provenientes da mídia, que poderiam ser um caminho para o esclarecimento de dúvidas, por vezes, reproduzem informações distorcidas, superficiais e preconceituosas, sendo, desta forma, incapazes de modificar comportamentos negativos relacionados à doação de órgãos. Foi observado que a negativa de consentimento à doação de órgãos pode ser mais facilmente modificada através da implementação de encontros específicos, campanhas escolares e orientações pelos profissionais de saúde (CONESA et al, 2005). Ressaltamos aqui a importância da discussão do assunto ‘doação de órgãos’ com amigos e familiares, pois as pessoas, quando bem instruídas a respeito do tema, são capazes de promover discussões, o que pode ser considerado como promoção de doação. Escolaridade também é uma variável importante, sendo que pessoas com nível de escolaridade maior parecem ter uma melhor aceitação sobre doação de órgãos (CONESA et al, 2005). O indivíduo contrário à doação de órgãos aparece em estudos como sendo: homem ou mulher com idade acima de 45 anos, com baixo nível educacional, que não entende ou não conhece o conceito de morte encefálica, que tem parceiro contra a doação de órgãos, que não é favorável à doação de sangue e tem medo da manipulação do corpo (cadáver) após a morte. As razões principais para não ser doador foram o desconhecimento de como ser doador e o medo de diagnóstico errado de morte (MARTINEZ; MARTI; LOPEZ, 1995).

Estudo desenvolvido por Moraes e Massarollo (1995) apontou que os principais motivos de recusa da doação dos órgãos são a crença religiosa que é considerada como sendo um dos motivos para recusar a doação dos órgãos e tecidos para transplante.

A crença em Deus alimenta a esperança da família de que um milagre possa acontecer. A crença de que Deus possa ressuscitar ou abençoar o paciente com um milagre é tão grande que o familiar, mesmo quando tem ciência da morte encefálica, prefere acreditar que o paciente vai melhorar.

A falta de entendimento da família sobre a morte encefálica dificulta a assimilação de que uma pessoa possa estar morta quando está com suporte avançado de vida. Nessa circunstância, o consentimento da doação dos órgãos é interpretado pela família como sendo o mesmo que assassinar, decretar ou autorizar a morte do parente. O familiar tem dificuldade em aceitar a manipulação do



corpo do parente com a finalidade de retirada de órgãos para transplante, e a não aceitação é motivo para negar a doação, por acreditar que o corpo é o templo sagrado de Deus e, portanto, intocável. O familiar favorável à doação desconsidera a sua intenção de doar por medo da repressão por parte de outro membro da família. A ausência de confirmação do diagnóstico de morte encefálica e o desencontro das informações transmitidas à família pela equipe do hospital geram dúvidas sobre o quadro do paciente e são motivos para que aquela se recuse a doar os órgãos. Há a crença de que a morte do parente possa ser antecipada ou induzida objetivando a doação dos órgãos. A solicitação da doação dos órgãos pela equipe médica, quando feita antes da confirmação do diagnóstico, é motivo de revolta e indignação para os familiares. A família, quando se sente cobrada pela equipe para autorizar a doação dos órgãos, fica desconfiada e recusa a doação, mesmo lamentando não respeitar o desejo do falecido de ser um doador. É respeitado o desejo do falecido, manifestado em vida, de não ser um doador de órgãos, sendo considerado pelo familiar que o importante é acatar o desejo do ente querido, mesmo que para algumas pessoas a vontade do paciente, depois de morto, não tenha importância ou que o ato de recusar a doação pareça uma atitude egoísta. Foi revelado que o familiar tem medo da perda negando a doação dos órgãos.

Quando falamos em educação como uma forma de incentivo à doação de órgãos, não devemos nos deter apenas à população. A educação dos profissionais de saúde, específica para a doação de órgãos, é fator decisivo tanto para o refinamento técnico do transplante quanto para a melhora do índice de captação de órgãos. Existem na literatura médica evidências de conhecimento Saúde em Debate • Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 633-639, out./dez. 2012 637 MORAIS, T.R.; MORAIS, M.R. • Doação de órgãos: é preciso educar para avançar insuficiente dos profissionais de saúde brasileiros sobre o tema transplante de órgãos, o que pode justificar o baixo nível de captação de órgãos em nosso meio (AMARAL et al, 2002). Pesquisa realizada com pessoas que frequentavam postos de saúde na Espanha apontou que apenas 7% das pessoas receberam informações sobre transplante de profissionais da atenção primária à saúde; o restante, de outros veículos. Foi observado que, quando o paciente recebia uma informação negativa sobre transplantes por um profissional da



saúde, esse tipo de informação causava o pior impacto sobre a aceitação da doação. Por outro lado, quando esses mesmos profissionais forneciam informação positiva sobre os transplantes, havia um claro aumento das reações positivas, mais importantes que as provenientes de outras fontes (89% e 65%, respectivamente) (TRAIBER; LOPES, 2006). Estima-se que somente 15 a 20% dos potenciais doadores de órgãos se tornam doadores efetivos. Existe a ideia de que a escassez do número de doações é fruto da falta de doadores ou da alta taxa de recusa de doações pelos familiares, mas esses dados revelam que não há uma absoluta falta de doadores, porém, de doações. Ou seja, embora ainda haja a crença de que o motivo para a não doação está na falta de potenciais doadores, é descrito em estudos que, antes da recusa por parte dos familiares, um dos maiores empecilhos à doação de órgãos recai sobre os profissionais de saúde (SILVA, 2004). A negativa de consentimento por parte da família poderia ser contornada mais facilmente se os profissionais envolvidos no processo de captação esclarecessem de forma competente as dúvidas daquela. Infelizmente, muitos profissionais não estão preparados para responder a questionamentos sobre a doação. Outro fator a ser considerado é a classificação incorreta dos órgãos e tecidos que, por essa razão, são rejeitados, diminuindo o número de transplantes (ESPÍNDOLA et al, 2007). Os profissionais da saúde têm papel importante na divulgação de informação sobre doação de órgãos, pois têm acesso a grande parte da população e causam impacto maior que outros meios de comunicação nas atitudes com relação ao tema. Campanhas de esclarecimento deveriam ocorrer dentro das próprias instituições, com a participação de médicos, enfermeiras, técnicos de enfermagem e todos os outros profissionais que trabalham no hospital. O mesmo deveria acontecer em postos de saúde, clínicas e hospitais menores. Essas campanhas deveriam disponibilizar informação clara e específica a respeito dos conceitos básicos de morte encefálica, doação de órgãos, custo de doação, aparência do corpo após a retirada de órgãos, aspectos éticos, experiências da família do doador e do receptor, entre outras orientações, pois essas pessoas, como são formadoras de opinião, influenciam os pacientes e seus familiares (TRAIBER; LOPES, 2006).

Pesquisas realizadas com famílias de doadores de órgãos demonstram que um fator importante



para essa decisão foi a discussão prévia sobre doação entre os familiares. Estudo realizado na cidade de Pelotas (RS), que avaliou uma amostra de 3159 adultos, através de questionário, demonstrou que 80,1% dos participantes seriam favoráveis à doação de órgãos de um familiar seu, caso este houvesse manifestado previamente o desejo de ser doador. Em contrapartida, apenas um terço dos investigados autorizaria a doação se não houvesse uma discussão prévia com a família (BARCELLOS; ARAUJO; COSTA, 2005). Uma pesquisa canadense que investigou familiares de pacientes que evoluíram para morte encefálica em nove hospitais constatou algumas diferenças entre famílias de doadores e de não doadores. Familiares de pacientes jovens, do sexo masculino, com morte associada a trauma, apresentavam maior probabilidade de consentir com a doação. O fato de a família ter discutido sobre doação com o paciente ou acreditar que o paciente desejaria ser doador, mesmo sem ter tido uma discussão explícita sobre o assunto, foi fortemente associado ao consentimento para doação de órgãos neste estudo (SMIRNOFF; MERCER; ARNOLD, 2003). Infere-se que campanhas que influenciem de tal forma as pessoas a discutir sobre doação de órgãos e transplantes com seus familiares são fundamentais.

CONCLUSÃO

O enfermeiro, junto à equipe de enfermagem, são responsáveis pela realização do acolhimento da família dos pacientes, além de oferecer suportes e informações adequadas para que a família colabore com o processo de doações e do transplante, mostrando como é fundamental esse processo.

Sendo a enfermagem atuante no processo doação-transplante, ela deve ser capaz de suprir as necessidades básicas de um transplante, considerando o grau de complexidade que este envolve, precisando estar muito bem treinada, capacitada e atualizada, acompanhando a evolução tecnológica e científica.

Estudo realizado no Reino Unido mostra que os enfermeiros comumente apresentam preocupações sobre sua falta de conhecimento e experiência, sentindo-se inseguros no processo da



doação de órgãos.

É inegável a contribuição do enfermeiro para o sucesso do transplante. No Brasil, poucas instituições de ensino superior oferecem cursos de formação na área de transplantes de órgãos. É importante que os enfermeiros envolvidos nos transplantes, verifiquem continuamente sua prática profissional, buscando formação cada vez maior. As estratégias de capacitação adotadas têm-se mostrado falhas para sanar as carências existentes no mercado, desde o início do processo, que vai do diagnóstico da morte encefálica à abordagem familiar, até a realização do transplante que envolve os cuidados ao receptor no hospital. Esse cenário é compreensível uma vez que, no Brasil, são escassas as instituições de ensino superior com disciplina específica de doação e transplante em sua grade curricular.

Os enfermeiros que trabalham nesta área de transplante de órgão e tecidos necessitam de uma maior carga de conhecimento científico a respeito do mesmo. Cujas competências clínicas necessitam ser maiores que somente a graduação em enfermagem. Deve se fazer a avaliação do doador, do receptor de transplante, do potencial doador ou do doador vivo. Deve haver um aconselhamento do doador vivo relacionado ao autocuidado, vida saudável e preparo para intercorrências.

Possuindo um importante papel no transplante de sucesso e sendo membro crucial da equipe prestando um cuidado de qualidade a pacientes e familiares, utilizado de recursos tecnológicos, logísticos e humanos, para o desenvolvimento das atividades de coordenação, assistência, educação e pesquisa na doação e nos transplantes de órgão e tecidos. Então, o enfermeiro necessita ter um conhecimento abrangente e prático sobre ética no trabalho e ter recursos disponíveis para avaliar o possível doador e receptor, riscos e questões sociais relacionadas aos transplantes.

REFERÊNCIAS

PAULINO, Lincoln. Direitos da personalidade. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/direitos-da-personalidade/879512109>>. Acesso em 05 de outubro de 2024.



FRASÃO, Gustavo. Brasil é o segundo maior transplantador de órgãos do mundo. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/brasil-e-o-segundo-maior-transplantador-de-orgaos-do-mundo>>. Acesso em 05 de outubro de 2024.

BRASIL. Lei nº 9.434/1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19434.htm> Acesso em 05 de outubro de 2024.

Maia BO, Amorim JS. Morte encefálica: conhecimento de acadêmicos de enfermagem e medicina. *Jornal Oficial da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos – ABTO* 2009; 12:1088-91

ALENCAR, S.C.S. Doação de órgãos e tecidos: a vivência dos familiares de crianças e adolescentes doadores. 161 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná Paraná, 2006.

AMARAL, A.S. et al. Knowledge of organ donation among one group of Brazilian professors of medicine. *Transplantation Proceedings, Houston*, v.34, n. 2, p. 449-450, mar. 2002.

BARCELLOS, F.C.; ARAUJO, C.L.; COSTA, J.D. Organ donation: a population-based study. *Clinical Transplantation, Hoboken*, v. 19, p. 33-37, fev. 2005.

CONESA, C. et al. Influence of different sources of information on attitude toward organ donation: a factor analysis. *Transplantation Proceedings, Houston*, v.36, n. 5, p.1245-1248, jun. 2004.

_____. Multivariate study of the psychosocial factors affecting public attitude towards organ donation. *Nefrologia, Santander*, v.25, n.6, 2005.

ESPÍNDOLA, R.F. et al. Conhecimento de estudantes de medicina sobre o processo de doação de córneas. *Arquivo Brasileiro de Oftalmologia, São Paulo*, v.70, n.4, p.581,584, jul./ago. 2007.

JACOB, F. et al. Regional awareness campaign concerning organ sharing. *Transplantation Proceedings, Houston*, v.28,n.1, p. 393, 1996.

MARTINEZ, J.M.; MARTI, A.; LOPEZ, J.S. Spanish public opinion concerning organ donation and transplantation. *Medicinal Clinic, Barcelona*, v. 105, n.11, p.401-406, 1995.



MORAES, E.L.; MASSAROLLO, M.C.K.B. Recusa de doação de órgãos e tecidos para transplante relatados por familiares de potenciais doadores. Acta paulista de enfermagem, São Paulo, v.22, n.2, 2009.

Moraes, Edvaldo Leal de; Massarollo, Maria Cristina Komatsu Braga. Recusa de doação de órgãos e tecidos para transplante relatados por familiares de potenciais doadores. Artigos Originais • Acta paul. enferm. 22 (2), 2009.

MORAES, M.W.; GALLANI, M.C.B.J.; MENEGHIN, P. Crenças que influenciam adolescentes na doação de órgãos. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v.40, n.4, p. 484-492dez. 2006.

NEUMANN, J. Transplante de órgãos e tecidos. São Paulo: Sarvier; 1997. 465p.

SILVA, J.N. Identificação e notificação de doadores de órgãos e tecidos em Terapia Intensiva. 2004. Monografia. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

SMIRNOFF, L.A.; MERCER, M.B.; ARNOLD, R. Families understanding of brain death. Program Transplant, Progress in Transplantation, Arlington,v. 13, n.3, p.218-224, set. 2003.

TRAIBER, C.; LOPES, M.H.I. Educação para doação de órgãos. Scientia Medica, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p.178-182, out./dez 2006.

